

MARIANA FERNANDES DA SILVA FONSECA RODRIGUES

**POESIA NA ESCOLA: PROPOSTAS DIDÁTICAS A PARTIR DE OBRAS DO PAS-
UNB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Português da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília/DF
2021

RR696p

Rodrigues, Mariana Fernandes da Silva Fonseca

Poesia na escola: propostas didáticas a partir de obras do PAS-UnB / Mariana Fernandes da Silva Fonseca Rodrigues; orientador Danglei de Castro Pereira. -- Brasília, 2021.
52 p.

Monografia (Graduação - Língua Portuguesa e respectiva literatura) -- Universidade de Brasília, 2021.

1. Propostas didáticas com o texto poético. 2. PAS-UnB.
I. Pereira, Danglei de Castro, orient. II. Título.

MARIANA FERNANDES DA SILVA FONSECA RODRIGUES

**POESIA NA ESCOLA: PROPOSTAS DIDÁTICAS A PARTIR DE OBRAS DO PAS-
UNB**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira
Universidade de Brasília/UnB

Brasília /DF, 17 de maio de 2021.

RODRIGUES, MARIANA. *POESIA NA ESCOLA*: Propostas didáticas a partir de obras do PAS-UnB, 2021. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Português (Licenciatura) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021.

RESUMO

Dado o caráter humanizador da literatura e as possibilidades de aprimoramento linguístico propiciados pela linguagem poética, o presente trabalho tem como objetivo apresentar propostas metodológicas com o texto poético dentro das salas de aula do ensino médio no Distrito Federal. As propostas buscam recuperar a prática da leitura integral dos textos na sala de aula, propiciando uma experiência sensível, reflexiva e crítica que culminem em produções de escrita criativa. Os poemas foram escolhidos a partir da seleção de obras cobradas no Programa de Avaliação Seriada (PAS- UnB) dada a sua importância para o ingresso na Universidade Brasília e possibilidade de construção da identidade desse jovem-leitor e reflexão crítica sobre a nossa cultura e sociedade. A impossibilidade de execução das propostas na sala de aula, nos impede de ter uma melhor percepção sobre a recepção dos alunos com os textos poéticos propostos. No entanto, esperamos que as ideias aqui propostas possam servir de inspiração para práticas pedagógicas com as obras referenciadas dentro das nossas escolas.

Palavras-chave: PAS-UnB. Literatura. Poema. Ensino Médio.

RODRIGUES, MARIANA. *POETRY IN SCHOOL*: Didactic proposals based on poems from PAS-UnB, 2021. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Português (Licenciatura) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021.

ABSTRACT

Beware the humanizing aspect of literature and the possibilities to achieve linguistic improvement beholden by poetic language, this work aims to present methodological approaches within poetic writings inside High School classrooms in Distrito Federal. The aims of this work are to retrieve integral reading practices in the classrooms, looking forward to a sensitive, contemplative and critical experience which culminates in creative writings. The poems were chosen by the selection of works belonging to the Programa de Avaliação Seriada (PAS - UnB) by virtue its importance on being admitted at Universidade de Brasília (University of Brasilia), furthermore having the possibility of developing the identity of this young reader and critically reflect over our culture and society. The barriers to implementing classroom proposals, inhibits us to have a better perception over students welcoming to the poetic texts recommended. However, we assume that the ideas presented in this paper may serve as inspiration for pedagogical practices together with the poems referenced inside our schools.

Keywords: PAS-UnB. Literature. Poems. High School.

Agradeço à Universidade de Brasília, por me fazer perceber a importância da educação pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço aos professores por compartilharem seus conhecimentos e me inspirarem na minha construção como profissional da educação.

Agradeço ao professor Danglei, pelo cuidado e disponibilidade na minha orientação.

Agradeço aos meus pais, à minha irmã e aos meus amigos, por sempre acreditarem em mim, comprarem os meus sonhos e tornarem os dias difíceis mais leves.

“Quem faz um poema abre uma janela.

Respira, tu que estás numa cela

abafada,

esse ar que entra por ela.

Por isso é que os poemas têm ritmo —
para que possas profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado”

Mário Quintana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 Qual o papel da literatura na sala de aula?	11
1.1. Literatura no ensino médio do Distrito Federal.....	16
1.2. PAS – UnB: a influência das provas no contexto escolar.....	22
2 Poesia na sala de aula: por quê trabalhar poemas?	26
2.1. Análise de alguns poemas escolhidos - PAS UnB 3ª etapa: “A noite dissolve os homens”, de Carlos Drummond de Andrade.....	31
2.2. Análise de alguns poemas escolhidos - PAS UnB 3ª etapa: “Poemas aos homens do nosso tempo” de Hilda Hilst	36
2.3. Análise de alguns poemas escolhidos - PAS UnB 3ª etapa: “Quebranto” de Cuti	44
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Desde o momento em que o estudante entra para a escola até a graduação no ensino médio, a disciplina de língua portuguesa lhe acompanhará durante todo seu currículo escolar. É muitas vezes na escola que estes alunos, que já dominam em boa parte a modalidade oral da língua, aprendem a decifrar o código escrito e realizam suas primeiras experiências de leitura.

É também na escola que muitos estudantes têm o seu primeiro contato com um livro de literatura: seja através de contos, lendas populares ou poemas. No entanto, por quê, no decorrer dos anos escolares, a leitura literária parece ir perdendo o seu espaço dentro da sala de aula?

Se queremos formar leitores, é importante que esse contato com a leitura literária no contexto escolar não se perca à medida que o aluno vai avançando na sua educação formal. É imprescindível que a escola propicie ao aluno a oportunidade de estar em contato com os mais diversos gêneros literários: o romance, o conto, o poema. Sem essa exposição e esse trabalho contínuo com o texto na sala de aula, muitos alunos, que poderiam se formar leitores, podem acabar ficando no meio do caminho, já que fora do contexto escolar, para muitos estudantes, o acesso à literatura ainda é bastante escasso.

Tendo em vista esse cenário, o presente trabalho pretende trazer esse resgate da leitura literária dentro da sala de aula do ensino médio do Distrito Federal (DF) através de propostas didáticas com o texto poético. A escolha dos poemas tem como base a Seleção de Obras do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB), hoje em dia, um dos principais meios de acesso dos estudantes que estão no ensino médio à UnB.

Partindo da perspectiva da literatura como fonte humanizadora proposta por Antonio Candido, as propostas didáticas terão como principal objetivo propiciar uma experiência sensível com o texto poético capaz de não só atuar na personalidade desse leitor em formação como também na sua identificação com o seu tempo e sua sociedade, ampliando assim sua percepção de mundo interior e também exterior.

Não há como fazer educação sem o vínculo com a realidade social do aluno. Assim, as propostas didáticas acolherão as experiências e conhecimentos prévios dos estudantes de modo que, através de suas experiências pessoais e o contato com o texto poético, possam criar produções criativas e originais que lhes ajudarão a apropriar-se dos conhecimentos textuais e literários de maneira mais efetiva.

O presente trabalho está dividido em 2 capítulos: o primeiro de caráter mais reflexivo sobre o lugar da literatura dentro da sala de aula e o segundo pensando na prática escolar com o texto poético.

Deste modo, inicialmente, se fará uma revisão sobre o conceito de literatura e sua função dentro do currículo escolar. Para pensar a função da literatura, partiremos de conceitos abordados por críticos como Antonio Candido (1995) e Tzvetan Todorov (2009) que vêm no texto literário um objeto humanizador. Posteriormente, se refletirá sobre a literatura no Brasil e, mais especificamente, no Distrito Federal.

Para entender a literatura nas salas de aula brasileiras, e no DF, refletiremos sobre os objetivos para o ensino de literatura presentes nos documentos oficiais que regem a educação brasileira (como o PCN e a BNCC), além dos documentos a nível distrital (como o Currículo em Movimento), com a prática escolar e outros textos publicados por professores que pensam a literatura no Brasil, como Rildo Cosson.

Para ampliar a reflexão sobre o ensino de literatura no DF, serão apresentados depoimentos de 2 professores que atuam no ensino médio brasiliense, um na educação pública e outro na educação privada. A partir das reflexões sobre a literatura, seu ensino no DF e o lugar das obras do PAS dentro do contexto escolar, conseguiremos visualizar melhor as práticas que poderiam ser adotadas dentro da sala de aula com o texto poético.

O último capítulo traz, portanto, uma reflexão sobre as possibilidades que o texto poético nos dá para enriquecer as nossas aulas de literatura e as vivências dos nossos estudantes. Pensando nas diversas possibilidades de entender a língua, de entender o ser humano e o mundo que a poesia nos traz, serão apresentadas propostas didáticas com 3 poemas diferentes: “A noite dissolve os homens” de Carlos Drummond de Andrade, “Poemas aos homens do nosso tempo”, de Hilda Hilst, e “Quebranto, de Cuti.

Como no ensino médio brasileiro a formação de leitores é um dos principais objetivos das aulas de língua portuguesa, as propostas passarão primeiramente, pela leitura do texto integral dos poemas, devolvendo ao texto literário seu lugar de protagonismo nas aulas de literatura. Este trabalho com o texto literário dentro da sala de aula que parta do interior da obra para o seu exterior, privilegiando o contato do aluno com o texto em si e não apenas com aspectos referentes ao movimento literário aos quais estas obras pertencem, poderá levar esse aluno a buscar em outros livros as experiências propiciadas a partir do contato com o texto poético nas aulas.

O que se busca, a partir das reflexões e das propostas apresentadas, não é, necessariamente, a formação de novos escritores ou literatos, mas cidadãos e leitores que

vejam na literatura e, nas aulas de literatura, um prazer, um sentido e um meio de se descobrir, de se construir e ser no mundo.

Qual o papel da literatura na sala de aula?

É bastante comum encontrar com brasileiros que terminam a educação básica afirmando que não sabem falar português. No entanto, esses mesmos brasileiros utilizam a língua há todo momento com a família, com os amigos, nas redes sociais e no ambiente de trabalho. Essa “falsa ideia” de não dominar a língua que utilizam diariamente parte muitas vezes da confusão entre língua e “gramática normativa”.

Muitos estudantes ainda veem as aulas de língua portuguesa nas escolas como o lugar em que aprenderão as regras gramaticais do nosso idioma. Uma das funções do ensino de língua portuguesa no currículo escolar é possibilitar ao aluno o domínio da variedade padrão da nossa língua, o que não quer dizer necessariamente aprender todas as regras presentes nas gramáticas normativas de língua portuguesa.

A escola, ao garantir ao aluno o domínio da língua padrão, possibilita a esse estudante-cidadão a liberdade de poder adequar o seu repertório linguístico aos mais diversos contextos de interação social, desde contextos profissionais e mais formais a atividades culturais e de lazer. Hoje, vemos com mais clareza que, para alcançar esse domínio linguístico, devemos adotar uma metodologia em que a língua não seja descontextualizada do seu uso.

Nos últimos anos, o ensino de língua portuguesa no Brasil tem encontrado sua centralidade no texto, através de uma abordagem enunciativa-discursiva, em que a linguagem se faz através da prática social. É a partir do texto que conseguiremos trabalhar a língua em uso dentro dos diversos contextos sociais que a empregamos.

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BNCC, 2017, p. 63)

Cabe aos professores de língua portuguesa apresentar aos seus alunos os mais diversos gêneros textuais (e neles se encontram também os gêneros literários). Só através da exposição, da leitura e da escrita constante na sala de aula, contribuimos de fato para que o domínio linguístico e o gosto pela leitura literária ultrapassem as paredes do ambiente escolar e seja incorporado pelo estudante na sua prática diária.

Como aprenderemos a falar? Falando e ouvindo. Como aprenderemos a escrever? Escrevendo e lendo, e sendo corrigidos, e reescrevendo, e tendo nossos textos lidos e comentados muitas vezes, com uma frequência semelhante à frequência da fala e das

correções da fala. É claro que o aprendizado não será muito eficiente se tais atividades forem apenas excepcionais. Mas, se forem constantes, com as cabeças que temos – seja lá o que for que tenhamos dentro delas ou associado ao que temos dentro delas – certamente seremos leitores e “escrevinhadores” sem traumas e mesmo com prazer, em pouco tempo. (POSSENTI, 1996, p. 48 e 49).

Assim como aprendemos a dominar a língua oral através da exposição, da prática e da correção, o mesmo podemos (e devemos) fazer na sala de aula com a língua escrita. O trabalho com a leitura, a prática da escrita e a reescrita deve ser algo que faça parte do nosso cotidiano escolar.

Dentro dos gêneros discursivos, os gêneros literários nos possibilitam infinitas possibilidades de trabalho com o texto no ambiente escolar. Em seu texto “Gêneros literários e ensino: necessidades e desafios”, Amélia Zenir Coral (2010) destaca a característica polifônica e dialógica do discurso literário: “o discurso literário é polifônico, dialógico, isto é, apresenta uma diversidade discursiva que vai além dos limites da estrutura interna da obra, estendendo-se à leitura, e provocando no leitor efeitos de sentido.” (CORAL, 2010, p. 2)

A característica dialógica dos gêneros literários propicia ao leitor um diálogo não só com a obra, mas com o mundo e também com ele mesmo. A partir da leitura dos textos literários nos percebemos através da identificação com o texto “eu igual ao outro literário” e ainda com a não identificação “eu diferente do outro literário”. Essa percepção promovida através desse diálogo leitor-obra nos ajuda a construir não só nossa percepção de nós mesmos, como nossa identidade individual e social.

Dentro da sala de aula, a literatura só tem a contribuir para a formação de um sujeito reflexivo, crítico e criativo nas suas práticas sociais através da linguagem, seja ela escrita ou oral. Através da leitura literária na sala, não só ampliamos as possibilidades de uso e compreensão linguística desse aluno como podemos atuar na sua formação como um sujeito leitor. Para isso é importante que façamos um trabalho metodológico cuidadoso e organizado com o texto literário e que tenha como função primordial propiciar ao aluno uma experiência sensível através da leitura literária.

Dentro dos nossos modelos de sociedades, em que as artes e as atividades humanas são vistas muitas vezes como “desnecessárias” por não se tratarem de atividades lucrativas, é cada vez mais urgente que possamos, dentro das nossas aulas, levar aos alunos uma literatura humanizadora que possa, segundo a perspectiva proposta por Antonio Candido, não só confirmar nossas sensações e atitudes humanas, como atuar na nossa personalidade e nossa consciência individual e social.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da

reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 180)

A experiência literária nos leva a sentimentos tipicamente humanos: medo, aflição, ternura, felicidade, tristeza, paz. Ademais, cada sociedade vai construindo sua literatura e o leitor, pertencente a este grupo, vai encontrando, a partir da leitura, uma identificação não só num nível individual, mas também social. Através do objeto literário, o leitor pode chegar a uma reflexão sobre si mesmo e sobre o seu ser social: essa reflexão pode ainda inspirá-lo a um engajamento social.

Candido, na sua defesa ao direito à literatura, traz também o conceito de literatura como “criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (CANDIDO, 1995, p. 174). Assim, vemos a literatura não só nos romances de Machado de Assis ou nos poemas de Drummond como também nas canções populares e nas lendas folclóricas.

Adotando esse conceito de literatura, fica difícil pensar (e afirmar) que nossos alunos não façam diariamente contato com algum tipo de literatura: eles escutam música, assistem a filmes, leem... Cabe aos professores levar para o cotidiano da sala de aula os textos que talvez não estejam dentro do “repertório” literário desse estudante e, por que não, conectar essas obras com outras mais próximas da sua realidade?

É importante que o professor, que atuará como o mediador no trabalho do aluno com o texto literário, não só valorize as experiências prévias do aluno como também o seu contexto cultural. Isso pode ser feito através de um diálogo mais informal com os alunos: o que será que os alunos estão lendo? O que andam escutando? O respeito e o interesse aos gostos dos alunos poderão contribuir para que eles também queiram ler e escutar o que o professor lhes prepara para o trabalho em sala de aula. Assim, quando o professor lhes apresente outras leituras mais “clássicas” e talvez mais distantes da realidade cultural deles, eles se sentirão mais à vontade e curiosos para realizar as propostas do professor e relacioná-las à sua realidade.

Dentro do gênero musical rap, por exemplo, encontramos muitas referências literárias nas canções de cantores como Emicida, Baco Exu do Blues, Crioulo. Tal vez os alunos não conheçam o poema “Ismália” de Alphonsus Guimarães, mas conheçam a música “Ismália” do Emicida. Essas conexões podem ser levadas à sala de aula e, além de trabalhar com o poema de Guimarães, podem gerar conexões com o seu tempo. Ademais, saber que muitos desses

cantores são inspirados por alguns literatos e poetas gera uma curiosidade nos alunos em buscar as obras referenciadas, além de outras.

Nelson Barros da Costa (2003) sobre o uso da música popular brasileira na sala de aula destaca que ela “representa uma consciência cada vez mais crescente da grande importância de nossa produção literomusical na construção da identidade brasileira.” Levar as canções junto com o texto literário pode nos ajudar a refletir sobre o tempo em que as obras foram produzidas e a nossa realidade atual, além de, como mencionado por Nelson, nos trazer essa percepção da nossa sociedade e nossa identidade brasileira.

A arte tem uma forte característica dialógica: quando lemos um texto, quando observamos um quadro ou escutamos uma música estabelecemos uma conversa com a linguagem artística (e com nós mesmos). Por isso, muito se fala que a obra termina no efeito que esta provoca no leitor. A partir do momento em que a arte e a literatura se tornam “belas construções” que nos provocam prazer o seu sentido só se completa com esse outro que lê, que vê que escuta.

Esse efeito de prazer e de conhecimento sensível sobre si e sobre o mundo só é possível através da eficácia estética da obra e da capacidade do leitor de compreendê-la. Dentro das aulas de língua portuguesa e literatura, devemos desenvolver essa compreensão da linguagem com os nossos alunos, torná-los conscientes da nossa língua portuguesa e brasileira e das suas diversas possibilidades de uso para assim alcançarmos esse conhecimento sensível que a arte nos proporciona.

Mas, de acordo com Luiz Costa Lima (LIMA, 1983, p. 259), a obra se completa no efeito que provoca no leitor, e para que ocorra tais efeitos é necessário que o leitor tenha condições de entender a obra literária, por isso é imprescindível um contato mais próximo com os gêneros literários, por meio de experiências individuais e coletivas de leitura, lembrando que prazer estético, por sua vez, será resultado destas experiências. (LIMA apud CORAL, 2010, p. 4).

Trabalhar com gêneros literários na sala de aula contribui para que nossos alunos tenham condições de entender os textos artísticos e através desse entendimento sentir e adquirir novos conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmo.

Ademais, o efeito que a leitura ficcional provoca no leitor através da experiência parece levar a uma maior incorporação e compreensão de conhecimentos, sejam eles culturais, sociais ou ainda subjetivos. O exercício da leitura literária poderia ainda gerar nesse leitor um anseio por escrever o mundo através da sua percepção individual, construindo assim não só um sujeito-leitor, mas também escritor.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é

uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2019, p. 17)

A leitura constante de textos literários e um trabalho comprometido com o ensino de literatura contribuem para que os alunos possam melhor compreender a estrutura desses gêneros e, uma vez bem assimilados e compreendidos, conseguir expressar-se através da escrita criativa nos mais diversos gêneros literários.

Por isso, não podemos deixar que o texto literário perca o seu lugar central dentro das nossas aulas e o aluno deixe de experienciar a literatura pela ausência do trabalho com o texto em sala. Ainda que saibamos que a escola não é o único lugar em que os alunos têm contato com o texto literário, dentro de um país como o Brasil, em que a desigualdade social é “escancarada”, o acesso à literatura e o direito a ela é, ainda e infelizmente, bastante restrito, e muitos estudantes só, de fato, têm acesso a esse material literário dentro da escola.

A literatura fala sobre os homens com os homens. E, como menciona Antonio Candido, ela humaniza, ela nos confirma a partir das nossas sensações humanas despertadas no diálogo com o texto. A literatura dentro da sala de aula pode ser para milhares de alunos um despertar de si, da sua identidade individual, social, um caminho para se perceber consigo e com os outros. Se alcançamos a partir da nossa prática na escola esse papel humanizador da arte só temos a contribuir na formação pessoal, cidadã, profissional e leitora dos nossos estudantes.

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão nas obras dos grandes escritores que se dedicam essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? (TODOROV, 2009, p. 93)

Como ressalta Todorov, a leitura nos propicia um melhor entendimento do que é ser humano: ela amplia a compreensão da nossa existência, dos nossos comportamentos, das nossas sensações. Levar esta literatura humanizada defendida por Candido e Todorov para a sala de aula numa prática pedagógica centralizada no texto literário e nas experiências e conhecimentos que construímos a partir dele e para além dele, não fará desse estudante um analista literário, mas um “conhecedor do ser humano”.

Nesse conhecer e reconhecer a partir dessas leituras suas angústias, alegrias e medos, além de comportamentos da sua sociedade, podemos não só cumprir com o papel primordial

do ensino de literatura na formação de leitores (que sentem e vêem o sentido da literatura nas suas vidas) como na formação de cidadãos e profissionais mais humanos: que a partir da literatura podem refletir sobre as relações sociais dentro da ficção e dentro dos seus contextos reais.

1.1 Literatura no ensino médio no Distrito Federal

Ao chegar no ensino médio brasileiro, espera-se que o aluno já tenha conhecimento da estrutura linguística básica e que, nessa etapa, as aulas de língua portuguesa sejam voltadas para a sistematização de estruturas ainda não consolidadas e a possibilidade de ampliar o domínio linguístico desse aluno através de uma linguagem mais apurada. Para isso, o PCN traz o texto literário como ponto de apoio para essa ampliação linguística:

“Pressupondo que os estatutos básicos relativos ao funcionamento da língua portuguesa foram aprendidos ao longo do ensino fundamental, cabe ao ensino médio oferecer aos estudantes oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nossa língua, tendo como ponto de apoio alguns dos produtos mais caros às culturas letradas: textos escritos, especialmente os literários.” (PCN+, p. 56)

É importante tomar cuidado com essa visão do texto literário como “ponto de apoio” para que a obra não vire mais uma vez pretexto para trabalhar aspectos puramente gramaticais presentes no texto literário. A linguagem literária nos apresenta uma riqueza de estrutura e sentidos, mas é preciso “adentrar” no texto, senti-lo, compreender o emprego das palavras para trazer o sentido do texto antes de uma análise mais formal da obra literária. Se o aluno não tiver esse tempo para sentir, interpretar o texto antes de analisá-lo, qualquer análise mais gramatical / formal será totalmente sem sentido.

No ensino médio, destaca-se também o aspecto historiográfico dado ao ensino de literatura:

A língua, bem cultural e patrimônio coletivo, reflete a visão de mundo de seus falantes e possibilita que as trocas sociais sejam significadas e ressignificadas. No domínio desse conceito está, por exemplo, o estudo da história da literatura, a compreensão do dinamismo da língua, a questão do respeito às diferenças linguísticas, entre outros. (PCN+, p. 63)

O aspecto historiográfico deve ser trabalhado de modo a auxiliar na compreensão sociocultural brasileira: a partir do texto conseguimos compreender nossa história e as relações sociais do nosso povo. Para alcançar essa compreensão, devemos nos valer muito mais do texto e da leitura literária do que da exposição das características históricas e das escolas literárias.

O próprio PCN contesta a tradição de trabalhar nas aulas de literatura exaustivamente as características das escolas literárias e destaca que essa etapa do ensino deve contribuir para a formação de leitores: “o ensino médio dê especial atenção à formação de leitores, inclusive das obras clássicas de nossa literatura, do que mantenha a tradição de abordar minuciosamente todas as escolas literárias, com seus respectivos autores e estilos.” (PCN+, p. 71).

Focar só na historiografia e nas correntes de modo a deixar a leitura literária restrita a trechos que ilustrem as características de determinada escola pode não só não contribuir para a percepção reflexiva e crítica do estudante como afastá-lo da literatura.

A literatura, para além da sua riqueza estética e linguística, também nos auxilia a compreender e refletir sobre a nossa história. No entanto, para que possamos explorar todas essas possibilidades de reflexão e trabalho que a literatura nos oferece, não podemos nos distanciar do seu objeto principal: o texto literário. É a partir dele que poderemos compreender a história da literatura brasileira, as características das escolas literárias e sua relação com outras manifestações artísticas.

Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural: Camões ou Machado de Assis; Cervantes ou Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Dante ou Guareschi; Molière ou Stendhal. Esse exercício com a literatura pode ser acompanhado de outros, com as artes plásticas ou a música, investigando as muitas linguagens de cada período. (PCN+, p. 19).

No âmbito da educação pública no Distrito Federal, o documento norteador para a prática pedagógica é o currículo em movimento. No site da secretaria de educação do Distrito Federal encontramos os cadernos que norteiam o ensino no DF nos seus diversos âmbitos: educação infantil, ensino fundamental – anos iniciais, ensino fundamental – anos finais, ensino médio, educação profissional e à distância, educação de jovens e adultos (EJA) e educação especial, além do caderno com os pressupostos teóricos.

Com referência ao ensino de língua portuguesa e literatura no ensino médio, o documento traz para cada ano algumas concepções estéticas e literárias organizadas através de movimentos literários que seguem, no decorrer dos anos que compõem o ensino médio, uma ordem cronológica. Assim, ao chegar no ensino médio, no 1º ano o estudante conhece movimentos como o trovadorismo, o quinhentismo e o barroco; no 2º ano estudam sobre escolas como o Realismo e o Romantismo e, no 3º ano, os movimentos literários “mais recentes” como o modernismo. O texto traz também, dentro dos conteúdos a serem trabalhados, a leitura de autores de língua portuguesa (Brasil, Portugal e África).

Assim, para as aulas de literatura, o professor pode não só apresentar autores da nossa literatura brasileira como de outras literaturas de língua portuguesa, a moçambicana, a angolana, ou a portuguesa, por exemplo. Essa variedade de textos, além de ampliar o conhecimento literário e linguístico do aluno (podemos inclusive ver as diferenças da língua portuguesa brasileira das demais), também lhe amplia sua percepção do mundo. O conhecimento de outras culturas a partir da literatura não só amplia a nossa visão de mundo, como nos torna mais conscientes da nossa diversidade cultural e da nossa história (o que nos une e o que nos difere de outras culturas). O conhecimento é uma porta para a desconstrução de preconceitos e estereótipos e o respeito às diversidades.

Ainda sobre a proposta e a concepção do currículo em movimento do DF, o texto do currículo para o Ensino Médio destaca o trabalho a partir de três eixos transversais: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade. Para isso, propõe-se que:

O processo pedagógico busque favorecer a interdisciplinaridade e a ressignificação dos conteúdos com base no entendimento de que a atual configuração social – das múltiplas culturas, das multissemioses textuais, da comunicação digital em rede – possibilita uma prática pedagógica diferenciada, holística e complexa. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO, SEDF, p. 13)

Ainda que muitas escolas do Distrito Federal privilegiem nos seus planejamentos político-pedagógicos a prática de atividades interdisciplinares, seja através de trabalhos escritos e/ou orais, apresentações artísticas ou ainda exposições em feiras de conhecimento, essas atividades muitas vezes ficam restritas a momentos específicos do ano.

As atividades interdisciplinares nas escolas costumam gerar um maior envolvimento dos meninos, especialmente porque costumam valer nota para todas as matérias do currículo. Além do mais, geralmente trazem problemas atuais das nossas sociedades, promovendo uma pesquisa histórico-cultural, uma reflexão e uma produção final com base no que foi investigado. Essas práticas, no entanto, poderiam ser incorporadas no cotidiano escolar. As aulas de língua portuguesa e literatura por exemplo, contam com uma grande variedade de possibilidade de temas já que podemos falar sobre praticamente tudo a partir do uso da língua.

Muitos professores de língua portuguesa no DF veem na literatura um caminho para a construção pessoal e social dos seus alunos e, dentro da sala de aula, buscam realizar atividades que contribuam nesse desenvolvimento pessoal, humano e social através de atividades que propõem ressignificar o conteúdo visto em sala dentro das nossas diversas realidades sociais.

Para compreender melhor a realidade vivida por alguns professores que trabalham na educação básica no DF, mais especificamente no Ensino Médio, fizemos uma entrevista com dois professores: um da rede pública e outro da rede privada. Trata-se de experiências pessoais que, claro, não nos permite ter um sentido exato sobre o ensino de literatura no DF, mas nos possibilita uma reflexão sobre o sentido da literatura, as práticas pedagógicas que já são adotadas por alguns professores e, ainda, uma “ideia” sobre a recepção dos alunos aos textos literários.

O entrevistado 1 é professor de uma escola pública e atua dando aulas de língua portuguesa há 13 anos. Já o entrevistado 2 atua na rede privada e há 10 anos trabalha dando aulas de língua portuguesa.

Ambos os professores veem na literatura uma possibilidade de construção na percepção de mundo e na identidade do estudante:

ENTREVISTADO 1: “Creio que por meio da leitura de obras literárias é possível construir as condições necessárias para que estudantes pensem sobre si mesmos e sobre o mundo à sua volta de forma crítica e reflexiva, pois as obras literárias possibilitam trabalhar temas e sensações que pouco são abordadas nas instituições de ensino, como: amor, justiça social, racismo, problematização do eu moderno, depressão, tristeza, fé no futuro, crenças e ideologias, problemas sociais graves, etc.”

ENTREVISTADO 2: “O texto literário também é instrumento de conhecimento do mundo e do outro, a partir da leitura de textos literários, canônicos ou não, o estudante pode entrar em contato com outras culturas e reconhecer a sua própria. A possibilidade de conhecer outras realidades permite ao estudante construir sua identidade.”

Como relatado pelo entrevistado 1, a literatura fala sobre questões sensíveis que acabam não encontrando espaço em vários ambientes e salas de aula dentro das nossas escolas. É difícil pensar que em uma aula de matemática, por exemplo, ou química, os alunos tenham um material tão próprio para refletir sobre suas próprias experiências (como o amor ou ainda o “desamor”) e relações sociais como o texto literário pode nos oferecer.

Como destacado pelos professores entrevistados, a literatura nos permite um diálogo reflexivo e crítico sobre os problemas do nosso tempo (como as desigualdades sociais, o racismo, as nossas crenças e a intolerância religiosa, por exemplo) e as sensações da nossa espécie (o amor, a tristeza, a fé, a depressão). Assim, dentro do ensino de literatura podemos, a partir do texto literário, criar condições para uma reflexão sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, já que nos trazem especialmente experiências humanas e sociais.

Vale destacar também que, como mencionado pelo entrevistado 2, essa experiência e conhecimento possível a partir do texto literário não se faz só a partir da leitura de textos canônicos. Por isso também a importância de conhecer o universo de leitura dos nossos alunos, prezar pelas suas leituras, deixá-lo consciente que seu universo literário é apreciado e acolhido dentro da sala, dar espaço para que eles falem sobre essas experiências. Ademais, muitos leitores chegam aos textos canônicos a partir da leitura de obras mais populares.

Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação. É por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios – inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo, desde Os Três Mosqueteiros até Harry Potter: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas. (TODOROV, 2006, p. 82)

Como relatado por Todorov, os professores devem incentivar e buscar ferramentas para que a prática da leitura se realize. E que melhor lugar para realizar essa prática que dentro das nossas aulas de literatura?

Ainda que a prática da leitura literária na sala de aula não seja uma atividade presente em todas as escolas do DF, muitos professores se propõem a trabalhar os sentidos do texto a partir da leitura do texto literário em sala. E, após essa leitura, realizam atividades que possibilitam aos alunos incorporar de maneira mais efetiva a aprendizagem sobre o conteúdo temático, a linguagem e a estética das obras estudadas.

ENTREVISTADO 1: “No ensino médio, costumo trabalhar as obras básicas exigidas pelo currículo e, principalmente, as obras poéticas do PAS. Lemos e debatemos as obras para além das características historiográficas com atividades que possam materializar a capacidade dos alunos de compreenderem de forma mais concreta a expressividade, a estética e os sentidos das obras. Com estudantes do segundo ano do ensino médio em 2019, por exemplo, fizemos representações teatrais - como no poema Anjos da Meia-Noite, de Castro Alves, -, ressemiotização - como os poemas Meus Oito Anos, de Casimiro de Abreu, e Canção do Exílio, de Gonçalves Dias - e produções de crônicas sobre como as pessoas falseiam a sua representação em redes sociais a partir do poema "Mal Secreto", de Raimundo Correia. A recepção dos estudantes é variável de acordo com seus interesses nas atividades propostas e no seu interesse com o tema proposto.”

Como podemos ver no depoimento do professor entrevistado, a partir de uma prática metodológica com o texto literário como protagonista, podemos ampliar o debate e a construção de conhecimento dos alunos para além da obra e dos aspectos

historiográficos. Uma prática em que os alunos não só leiam e debatam o texto, mas também produzam outros textos a partir da experiência em sala, lhes ajuda a apreender melhor não só os conhecimentos estéticos e historiográficos do texto, mas também seu conhecimento sensível tanto na recepção como na expressão artística.

Além do mais, atividades como a citada pelo professor, em que a partir da leitura do poema “Mal secreto” os alunos produziram crônicas sobre as representações pessoais falseadas nas redes sociais levam o aluno a ver, no texto lido, aspectos sociais da sua própria realidade, possibilitando um maior interesse ao texto (não só à leitura, como também à releitura do texto). Fazer estas relações do texto com algo que o estudante vive não nos garante uma boa recepção ao texto, no entanto, as chances com que ele se interesse em ler e reler algo com que se identifique e no qual ele possa fazer essa relação com a sua sociedade, podem ser bem maiores.

A literatura, dentro das nossas escolas de ensino médio, tem tudo para cumprir com a sua função humanizadora sempre que o texto seja objeto protagonista e o estudante-leitor sujeito receptor e agente. Como professores, a nossa responsabilidade é enorme para fazer da sala de aula um lugar de leitura, fruição, construção de conhecimento literário e linguístico e de produções criativas.

(...) permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Nesse caso é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. (COSSON, 2019, p. 23)

O ensino de literatura no ensino médio, muito antes de pensar em formar críticos literários, deve se preocupar em recuperar (ou preservar) nesses estudantes o prazer da leitura. Não podemos deixar que a descoberta da leitura literária e o ato de ler em sala, algo tão prazeroso e presente nos primeiros anos da nossa educação formal, vá perdendo seu espaço de modo que no ensino médio muitos alunos não cheguem nem a tocar num livro de literatura durante as aulas.

E, como apontado por Cosson, não podemos nos esquecer que, como toda matéria da educação básica brasileira, o ensino de língua portuguesa e literatura exige um compromisso, uma organização metodológica que passe, primeiramente, pela leitura efetiva do texto literário. Dentro dos depoimentos dos professores entrevistados, podemos perceber como a partir do texto literário, os professores podem, dentro da sala de aula, ampliar este espaço de

conhecimento e debate do texto literário, não restringindo o espaço da aula de literatura no ensino médio às características historiográficas das obras.

Trata-se de uma perspectiva que parta do texto para fora, e não de fora (das características historiográficas e linguístico-literárias) para dentro do texto. A partir da experiência da leitura literária, e de um trabalho sistemático com a linguagem utilizada, com o conteúdo do texto, com o contexto de produção da obra, e com a possibilidade de produção de algo novo a partir do que foi construído e trabalhado através da obra literária, podemos alcançar com que nossos alunos compreendam a literatura como arte que se expressa através de uma forma de explorar a nossa linguagem.

1.2 PAS – UnB: a influência das provas no contexto escolar

Criado em 1996, o Programa de Avaliação Seriada (PAS) tem como objetivo o ingresso de estudantes na Universidade de Brasília (UnB). Antes da sua criação, a única maneira de ingresso na UnB era através do vestibular. A partir de 1996, os alunos passaram a ter uma outra possibilidade de ingresso na UnB. Em vez de uma única prova, após a conclusão do ensino médio, eles agora, através dessa seleção, realizam 3 provas ao final de cada ano. Assim, o conteúdo de 3 anos de estudos passa a ser dividido em 3 fases, de acordo com as séries do ensino médio: PAS 1 (1º ano), PAS 2 (2º ano) e PAS 3 (3º ano).

Para ajudar os alunos a se prepararem para as provas, são disponibilizados no site da Cebraspe (banca responsável pelo processo seletivo) a lista com as obras selecionadas para cada etapa e uma matriz de referência preparada por docentes do DF. As obras cobradas possuem diferentes formatos: audiovisuais (curtas, documentários), pinturas, romances e poemas. A Matriz de Referência (2020), que traz as habilidades e competências a serem trabalhadas a cada ano na avaliação, enfatiza a importância da educação na construção do ser coletivo: reflexivo, crítico e atuante na sua sociedade. As obras que compõem a matriz de cada série caminham nessa direção e propõem um trabalho interdisciplinar entre as diversas matérias que compõem o currículo do ensino médio brasileiro.

Hoje, além do vestibular tradicional (que agora ocorre uma vez ao ano) e o PAS, os alunos também contam com o ENEM para poder ingressar na Universidade de Brasília. No entanto, o Programa de Avaliação Seriada é visto, por muitos estudantes, como uma das melhores opções para ingresso na universidade, já que lhes dá a oportunidade de comprovar os conhecimentos do ensino médio de maneira mais fluida durante esses 3 anos de provas.

Dentre as vagas destinadas para o PAS, 50% são reservadas a estudantes das escolas públicas. Essa realidade e a possibilidade de ingresso de tantos estudantes de escolas públicas numa universidade federal fazem com que muitas escolas do DF, dentro dos seus planejamentos político-pedagógicos, proponham que professores trabalhem as obras cobradas nas provas do PAS – UnB.

Tendo em vista que a educação no nosso país é um dos principais meios de mobilidade social e que a formação universitária pode aumentar consideravelmente as possibilidades de emprego no mercado de trabalho, trabalhar as obras do PAS na sala de aula, para além da possibilidade de fruição e construção de conhecimentos linguísticos e de mundo que essas leituras possam nos oferecer, oportuniza a esses alunos uma aprovação universitária e a ingressão a um ambiente de construção de novos saberes profissionais e pessoais que poderão transformar sua realidade social e pessoal.

A leitura das obras é essencial para uma melhor pontuação na prova. Algumas páginas destacam que, em torno de 30 pontos do escore bruto das provas das três etapas, giram em torno exclusivamente das obras (Tudo sobre o PAS-UnB, 2016). E muitos alunos aprovados, destacam a leitura delas como primordial para a aprovação.

Felipe de Oliveira, 17, também morador de Santa Maria, tinha uma rotina agitada. Como estudava no Centro de Ensino Médio Setor Leste, na Asa Sul, e ainda trabalhava, chegava cansado em casa. Nos fins de semana, dedicava-se a um curso técnico de enfermagem. Ainda assim, separava um tempo para estudar.; Olhava os conteúdos da escola e olhava outros pela internet. Estudei bastante as obras do PAS, que são essenciais; ressalta. (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Como podemos verificar na fala do estudante e nos dados da página “Tudo sobre o PAS-UnB” o estudo das obras cobradas pelo PAS é essencial na pontuação e na aprovação à Universidade de Brasília.

A realidade de Felipe, que estudava na escola pública e tinha que conciliar os estudos com o trabalho, é a realidade de muitos outros estudantes das escolas públicas no Distrito Federal. Além dessa rotina de estudo e trabalho que muitos desses estudantes vivenciam, é importante ressaltar que grande parte deles não têm acesso a cursos extraclasse ou materiais específicos para estudar os conteúdos propostos pelo PAS e outros processos de seleção para as universidades federais. Poder trabalhar essas obras junto aos alunos na sala de aula é uma possibilidade de não só explorar o conteúdo temático e literário desses textos de modo que possam compreender a linguagem literária e refletir sobre a literatura e o mundo a partir da sua leitura, como também auxiliar esses alunos nos estudos e na tão sonhada aprovação na Universidade de Brasília.

Ademais, a seleção de obras do PAS nos permite um diálogo entre elas e uma linguagem, seja visual, escrita ou audiovisual, que nos permite conhecer e reconhecer nossa história e estrutura social. O uso das obras junto a uma metodologia ativa, crítica e reflexiva pode provocar nos alunos um maior engajamento social através de ações reflexivas e práticas na busca de uma sociedade mais humana e igualitária.

Com relação às provas do PAS, as questões referentes às obras literárias aparecem de forma interdisciplinar, um texto literário pode ser usado, por exemplo, como base para questões tanto referentes à língua portuguesa e à literatura (interpretação do texto, características do tempo em que foi produzido e da escola literária), como vir acompanhado por questões de aspectos histórico-geográficos e até mesmo biológicos.

Dado esse aspecto interdisciplinar de como aparecem as obras cobradas na prova, vemos que trabalhar as obras na escola de forma interdisciplinar poderá contribuir a um conhecimento mais “holístico” do texto.

A importância destas leituras para a aprovação nas provas do PAS e a preocupação das escolas em aprovar os alunos numa universidade federal como a UnB, faz com que muitos professores que atuam no ensino médio em Brasília, tanto nas escolas públicas como nas escolas privadas, busquem trabalhar com as obras do PAS nas suas aulas.

Nossos professores entrevistados, ao responderem sobre nossa pergunta se trabalham com as obras do PAS na sala de aula e de que forma esses textos são trabalhados dentro da sala de aula, compartilharam um pouco de suas experiências:

ENTREVISTADO 1: “(...) eu tenho como grande objetivo trabalhar todas as obras exigidas pelo PAS da UnB. Sei que sou uma exceção na Secretaria de Educação do Distrito Federal, já que diversos colegas costumam se mostrar indiferentes em relação ao PAS da UnB. Depois de pesquisar em artigos acadêmicos e manuais historiográficos - como História Concisa da Literatura Brasileira, do saudoso Alfredo Bosi - as obras e os movimentos estéticos que a formação deficiente da Universidade de Brasília costuma ignorar, eu proponho atividades diversas, como: seminários, ressemiotização de obras literárias, leituras e debates críticos e representações dramáticas. Além disso, elaboro exercícios que se aproximem das questões do PAS e do Enem e resolvo questões de diversos exames de seleção em que as obras do PAS foram cobradas. Dessa forma, materializo em minha prática didática o que acredito ser o mais importante com as obras do PAS: formar leitores que compreendam e se sensibilizem com as obras ao mesmo tempo em que se preparam para questões de exames de seleção voltados para estudantes do ensino médio.”

ENTREVISTADO 2: “Trabalho. A estratégia de estudo do texto varia de acordo com o conteúdo, geralmente há uma leitura compartilhada, discussão e produção de uma atividade. Já produzi com os meus alunos radionovelas, podcasts, roteiros dramáticos e entrevistas ficcionais com os autores dos textos estudados.”

Podemos observar, nas falas dos professores entrevistados, a preocupação em trabalhar com as obras do PAS dentro de suas aulas a partir de práticas que passem pela leitura, debate e produção de diversas atividades a partir do estudo do texto. A partir da obra, os professores se propõem a aproximar os alunos não só da linguagem literária, a partir da leitura, do debate e da resolução de questões referentes ao texto, como promovem atividades de produção que lhes possibilitam uma aproximação a outras linguagens como o teatro e o audiovisual.

Nessa prática ativa de leitura e produção a partir do estudo do texto, é muito mais provável que os alunos-leitores-produtores que, de certo modo, “se apropriam do texto”, assimilem os conteúdos temáticos, linguísticos e históricos dos textos de modo a compreender efetivamente o texto literário.

O entrevistado 1 destaca, ainda, o seu cuidado em tentar abarcar na sala de aula todas as obras cobradas pelo PAS, ainda que reconheça que esse cuidado e preocupação em trabalhar os textos do processo seletivo com os estudantes do ensino médio não seja algo que perpassa a prática pedagógica de muitos de seus colegas.

É importante ressaltar também a figura do professor como um eterno estudioso, um pesquisador. Como diz Paulo Freire, em sua pedagogia da autonomia, “ensinar exige pesquisa”:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (PAULO FREIRE, 1996, p. 14)

O entrevistado 1 menciona como antes de preparar as propostas de trabalho com as obras do PAS realiza uma pesquisa nas obras de críticos e estudiosos da literatura brasileira já consagrados, como Alfredo Bosi, para ampliar sua percepção e conhecimento do texto e auxiliá-lo na prática pedagógica com o texto em sala. Essa consciência do nosso papel como professor e pesquisador é essencial para aprimorar nossa prática pedagógica já que, muitas vezes, a vivência universitária não dá conta da realidade que enfrentamos ao chegar nas salas de aula.

Outra característica que se pode observar a partir da entrevista com os dois professores é como a criatividade, tanto por parte dos professores que realizam as propostas, como por

parte dos alunos que as executam, é sempre trabalhada. Trabalhar com produções como dramatizações, podcasts, radionovelas e entrevistas com os autores da obra, exige dos alunos um trabalho de pesquisa que lhes auxilia não só numa melhor apreensão do conhecimento estético e linguístico das obras trabalhadas como ajuda a desenvolver diversas habilidades.

Práticas pedagógicas como estas ajudam a desenvolver não só a criatividade do aluno, como também a sua capacidade de trabalhar em grupo, as habilidades para lidar com as tecnologias como no caso dos podcasts e das radionovelas, além de lhe possibilitar uma maior segurança para falar em público. São habilidades que, trabalhadas a partir destas atividades na sala de aula, podem trazer um retorno social inestimável ao estudante nas suas práticas fora do ambiente escolar.

Como mencionado pelo professor entrevistado 1, o estudo dessas obras a partir de atividades que promovam a leitura, a fruição e a produção contribuem para que a literatura no ensino médio cumpra com um dos seus objetivos mais essenciais: a formação de leitores. Além de, claro, preparar-lhes para os processos seletivos que, como já mencionados, dão a oportunidade desses alunos continuarem sua formação acadêmica e, a partir dela, melhorar sua condição social.

2 Poesia na sala de aula: por quê trabalhar poemas?

Mario Quintana escreveu, em um de seus textos, que quem faz um poema salva um afogado. Como viemos defendendo aqui, e aproveitando a referência de Quintana, a experiência da leitura literária pode ser uma janela para esse estudante-leitor: uma janela capaz de ampliar o mundo lá fora e iluminar o que passa dentro de si mesmo.

T.S. Elliot definia o poema como uma expressão que se relaciona fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção: sensações que são essencialmente particulares (T.S. Elliot apud Pinheiro, p. 2007). Sendo a poesia um texto essencialmente sensível, é difícil imaginar alguém que nunca tenha sido “tocado” pela leitura de um poema. Há sempre um poema, uma estrofe, um verso que fica guardado.

Toda experiência sensível é individual pois cada um leva para a leitura de um poema suas experiências e memórias. Deste modo, devemos deixar que o texto atue primeiramente nesse nível emocional para que depois possa trabalhar numa esfera mais racional. Talvez aqui também se encontre a importância da releitura de um poema: é como se cada leitura nos mostrasse um outro lado do poema (e de nós) que ainda não havíamos lido antes.

O poema é um texto que existe a partir das palavras: da escolha delas, da sua organização, da sua possibilidade de comunicação. É a seleção apurada desses vocábulos e a forma como são posicionados no papel que nos leva a alcançar uma experiência sensível. A experiência se faz a partir da qualidade estética desse texto: “Porque um poema se faz com palavras, e não com ideias soltas no ar. É preciso colocá-las no papel com a cola mágica do ato de escrever.” (SORRENTI, 2013, p. 37)

Levando em conta sua capacidade de expressão, conexão e fruição, por que o texto poético ainda é tão marginalizado dentro das nossas salas de aula?

No livro “Poesia na sala de aula”, de Helder Pinheiro, o professor elenca alguns fatores mencionados por professores que acabam afastando o texto poético da sala de aula, como a dificuldade para interpretá-lo, compreendê-lo e analisar algumas passagens. (PINHEIRO, 2018).

No entanto, essas dificuldades, como bem aborda Pinheiro, podem ser superadas com um maior contato do professor com a poesia e da poesia com os alunos. Ademais, não podemos, como professores de língua portuguesa, privar nossos alunos desse contato e experiência com o texto poético pelo simples fato de serem textos mais “complexos” (assim não só desacreditamos na nossa capacidade como professor como na capacidade dos nossos alunos de vivências sensíveis com o texto poético).

Na entrevista realizada com os professores, o entrevistado 2, quando perguntado se realizava leituras literárias e de poemas na sala de aula, relatou como os textos em prosa têm uma melhor recepção pelos alunos:

ENTREVISTADO 2: “Geralmente a leitura de textos em prosa é melhor recebida pelos estudantes porque, para eles, poemas são textos difíceis de entender ou muito pessoais.”

Essa resistência ao texto poético e crença de que o poema não é acessível para ele pode ser desfeita se a leitura de poemas passa a ser uma prática regular dentro do ensino de língua portuguesa.

Se pensamos no processo de aquisição de uma língua, podemos observar que uma criança começa a adquirir um idioma através do contato e da exposição a ele. Assim, através da exposição e do contato contínuo com a poesia, o aluno passa a se familiarizar com o texto poético e a poesia vai deixando de ocupar o lugar de “texto difícil” e se abrindo como um texto possível de diversas experiências, propiciando a este leitor em formação, através da leitura do texto poético, experiências prazerosas e cheias de sentido. E é através da leitura literária dentro da sala de aula que podemos conquistar grande parte desses alunos para o universo poético.

As memórias e vivências do leitor são essenciais no ato de dar sentido ao texto. O leitor constrói as imagens do texto a partir das suas próprias memórias. Para construir as imagens descritas e representadas no poema o leitor acessa suas memórias individuais: tudo o que é mencionado no texto é construído imageticamente pelo leitor a partir de suas vivências e memórias afetivas anteriores.

“Cada um lê no texto a sua experiência, daí a vantagem da literatura: a de criar divergências de sentimentos, entendimentos e expressões. A palavra é para abrir portas e não para pintar uma única paisagem.” (Queirós apud Sorrenti, p. 27).

No texto poético, as emoções são provocadas através da construção das imagens do texto escrito. Por isso o poema é um gênero essencialmente feito pela busca das palavras exatas, pela combinação dos sons e das imagens que consigam cumprir essa construção imagética capaz de emocionar o leitor.

A literatura tem uma forte característica subjetiva e no texto poético é como se essa conexão do leitor consigo mesmo fosse ressaltada. É como se o texto poético explicasse e desse conta do que sentimos, pensamos, mas não conseguimos explicar tão genuinamente como aparece no poema.

Esse contato que o leitor faz consigo mesmo é constante em suas experiências de leituras. Vincent Jouve (2004) afirma que toda leitura tem uma parte constitutiva de subjetividade: a necessária, na qual a interferência do leitor no texto se faz necessária para construir imagens a partir do que é dado pelo autor e falta ser descrito, e a acidental: quando o leitor faz uma interpretação que de certo modo “foge” ao explícito no texto.

É essa revelação através da subjetividade acidental que leva o leitor a se distanciar do texto e a refletir sobre o porquê de ter chegado nesse pensamento, nessa interpretação. A subjetividade é necessária na construção de imagens e é acidental na medida em que sua individualidade se encontra e é questionada pelo texto, levando o leitor a uma reflexão subjetiva. Como reflete Jouve (2004) em seu texto, ainda que as interpretações dos alunos fujam ao texto, elas possuem uma importância própria já que fazem esse leitor se perceber a si mesmo, o que é uma experiência estética proporcionada pela literatura.

Dentro da sala de aula, o texto poético nos permite um encontro e uma reflexão desse aluno com sua subjetividade. É importante que compreendamos que o texto poético e suas imagens se fazem a partir das palavras e da sonoridade que elas produzem, mas que, para além do explícito na obra, o leitor com suas vivências literárias e experiências particulares pode trazer outras interpretações particulares a esse texto.

Como professores, é importante que sempre tenhamos um cuidado com os nossos alunos e suas experiências pessoais e, no lugar de ignorar suas percepções por achar que fogem ao texto, levá-lo a refletir sobre o porquê ter chegado nessa interpretação e nessas imagens. Especialmente por quê, a partir dessa prática, o texto poético não deixaria de cumprir com a experiência de percepção do eu e da construção de identidade pessoal.

Tendo em vista o valor linguístico, subjetivo, social e cultural do texto poético, é visível porque muitos professores vêm defendendo o trabalho da poesia dentro da sala de aula. A poesia nos fala sobre os mais diversos temas da humanidade, impossível não encontrar uma poesia com que se identifique. A poesia nos fala inclusive sobre o próprio ato de escrever poesia (o que também pode nos ajudar a compreender melhor o gênero literário). Que tal começar a falar sobre poesia com um poema sobre a poesia?

No entanto, para que possamos explorar em sala toda a riqueza linguística, temática e sonora do texto poético, é necessário, como qualquer prática pedagógica, um trabalho comprometido com a literatura, com o texto poético (desde sua escolha à sua apresentação na sala de aula). O professor-mediador tem um papel importantíssimo nessa aproximação do estudante com a poesia. A maneira como apresentamos o texto, como realizamos essa leitura com os alunos, pode impactar profundamente na maneira como esse aluno receberá o texto poético.

Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia. (PINHEIRO, 2018, p. 22)

Além desse entusiasmo com a poesia, que pode ser essencial para que o aluno também se contagie com a riqueza poética, o professor, dentro de sua prática pedagógica, deve incentivar o debate, o compartilhamento de experiências literárias e interpretativas, a criatividade. A maneira como organizamos o nosso trabalho com o texto e nos relacionamos com os nossos alunos é essencial para que eles se sintam à vontade nesse espaço para ler o texto e se expressar a partir da leitura. Não se trata só de fazer boas escolhas textuais e entregá-las aos alunos.

O professor e/ ou mediador torna-se o dinamizador imprescindível para a criação da atmosfera de uma legítima oficina poética. E essa oficina, evidentemente, só se pode realizar em um ambiente de liberdade e criatividade, para que a criança possa se expressar sem bloqueios. (SORRENTI, 2007, p. 20)

É essencial que, dentro da sala de aula, propiciemos condições para que nossos alunos leiam e experienciem a poesia. Essas condições passam desde um planejamento que privilegie

o trabalho com o texto integral, que passe pelo debate temático e estético propiciado pelo texto poético à produção criativa dos alunos a partir da experiência poética; além de um espaço de liberdade na sala de aula (ou ainda fora do espaço específico da sala de aula), em que alunos e professores possam se expressar e ter suas experiências e interpretações compartilhadas de modo a contribuir na sua construção pessoal e cultural.

É importante também não restringir o trabalho com o texto poético à leitura e ao debate, mas propiciar ao aluno o despertar de sua criatividade a partir de propostas didáticas em que eles produzam algo a partir do texto poético. No caso particular dos poemas, é importante que os alunos não só leiam poemas como também possam construir seus próprios poemas.

Se dentro da sala de aula o tempo destinado à leitura de poemas já é bastante reduzido, a escrita de textos poéticos então tem um espaço muito menor dentro das nossas práticas pedagógicas. Na criação do texto poético, o aluno tem a oportunidade de trabalhar de maneira minuciosa com o elemento básico da nossa matéria de língua portuguesa que é a nossa linguagem. Devemos deixar que ele experimente com as palavras, com os sons, com as formas e crie suas próprias imagens poéticas.

Em sua obra “A poesia vai à escola” (2013), Neusa Sorrenti nos fala sobre a prática da escrita de poemas na sala de aula e da importância de incentivar os alunos que escrevam, que mais importante do que o resultado da escrita: se serão “bons” poemas (julgamento bastante particular), é a preservação da sensibilidade estética do aluno:

“(…) deixemos que o aluno escreva, seja na sala, na biblioteca, ou em casa. Só por meio do exercício e do esforço pode-se obter um refinamento do estilo. Grandes poetas começaram assim, e seguem depurando sua poesia”. (SORRENTI, 2013, p. 52)

A leitura de poemas dentro da sala de aula, para além da sua possibilidade de ampliar a nossa compreensão sobre a nossa língua e as diversas possibilidades de construção e produção de sentidos que o texto poético pode nos oferecer, tem um papel humanizador que se faz de maneira individual, a partir do contato desse estudante com o texto. A partir dessas leituras, os alunos podem refletir e reconhecer não só suas angústias, alegrias e questionamentos pessoais como também os problemas sociais e culturais do seu tempo (e de outros tempos).

Basearemos nossas propostas de trabalho com o texto poético dentro da sala de aula, acreditando no compromisso da literatura na formação de estudantes e leitores que se apropriam efetivamente da nossa linguagem a partir do texto poético.

2.1 Análise de alguns poemas escolhidos - PAS UnB 3ª etapa: “A noite dissolve os homens”, de Carlos Drummond de Andrade

Para as propostas didáticas, será utilizada como base a lista de poemas para a 3ª etapa do PAS. O documento, alinhado com a proposta de conteúdos literários do currículo em movimento do DF traz, especialmente, poetas da geração modernista brasileira: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, além de outros contemporâneos, como Hilda Hilst, Ana Cristina César e Cuti.

Serão apresentadas 3 propostas de trabalho com 3 poemas diferentes: “A noite dissolve os homens”, de Carlos Drummond de Andrade; “Poema aos homens do nosso tempo” de Hilda Hilst e “Quebranto”, de Cuti.

As propostas didáticas virão acompanhadas por uma análise (uma leitura) de cada poema. Para as propostas de trabalho com o texto na sala de aula, serão elementos essenciais a experiência dos alunos e um trabalho com o texto que se alinhe com as orientações constantes na Matriz de Referência para o PAS 3 -2020.

Espera-se que, a partir do trabalho com os poemas na sala de aula, os alunos possam ter uma experiência sensível com o texto poético, construir uma percepção de mundo e da nossa sociedade brasileira a partir do texto além de, claro, torná-los competentes no domínio linguístico literário de forma a dar-lhes segurança e confiança no momento em que encontrem os textos lidos em sala nas provas do PAS.

A ideia inicial do projeto era, não só refletir o ensino de literatura no DF e pensar propostas para trabalhar o texto poético na sala de aula, como experienciar as ideias que aqui serão apresentadas dentro da sala de aula. Assim, poderíamos não só verificar a recepção dos alunos aos poemas e às propostas de produções artísticas e literárias a partir dele, como refletir e repensar os pontos positivos e negativos das propostas a partir da experiência dos alunos.

No entanto, com o agravamento da pandemia no Brasil, não foi possível levar para a sala de aula as propostas. Desse modo, pensaremos, para cada etapa, nas possíveis recepções dos alunos à leitura dos textos e às propostas de atividades para cada obra. Espera-se que, num futuro breve, em que possamos retornar aos espaços físicos das escolas, as propostas aqui apresentadas possam finalmente pôr-se em prática junto aos estudantes para quem elas foram pensadas.

A primeira proposta didática tem como objetivo apresentar aos alunos o texto “A noite dissolve os homens” do poeta Carlos Drummond de Andrade. Assim como na sala de aula a

proposta de trabalho com os textos partirá da leitura do texto, aqui também partiremos de uma leitura da obra acompanhada de uma sequência didática para levá-lo à sala de aula.

A noite dissolve os homens, de Carlos Drummond de Andrade

A Portinari

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda,
sem esperança... Os suspiros
acusam a presença negra
que paralisa os guerreiros.
E o amor não abre caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens,
diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias,
apagou os almirantes
cintilantes! nas suas fardas.
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,

adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer. O mundo
se tingem com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

(Sentimento do mundo, 1940)

O poema “A noite dissolve os homens” foi publicado por Carlos Drummond de Andrade em 1940 no seu livro “Sentimento do mundo”, livro em que Drummond nos entrega uma poesia com um eu-lírico preocupado com o mundo, com as suas injustiças, numa mistura de sensações que partem de uma descrença no mundo e na humanidade a uma perspectiva futura de esperança.

O título do poema já nos instiga a refletir na “intenção” do texto. Por que a noite dissolve os homens? Como assim a noite dissolve os homens? Para o trabalho com o texto na sala de aula, uma proposta é partir do título do poema para depois realizarmos a leitura do texto integral. Na sala de aula, o professor pode usar o quadro para apresentar aos alunos o título da obra que será trabalhada nas próximas aulas e, a partir do título, estimular os alunos a uma produção criativa e artística: que imagens podemos construir a partir desse título?

Para deixar a produção mais atrativa para os alunos, seria interessante levar para a sala de aula diferentes materiais como lápis de cor, giz de cera, canetinhas, tintas. Começar a trabalhar o texto com uma atividade mais lúdica a partir do título pode inspirar os alunos à leitura do texto: por que afinal esse título ao poema?

É muito provável que uma aula de 45 minutos não seja suficiente para a produção e a leitura do poema. Ademais, é importante dar espaço para que os alunos possam comentar suas produções: que imagens cada aluno traçou a partir do título e o que o motivou a isso. Dentro de uma sala de aula é muito difícil que todos falem e que queiram falar: é importante deixá-

los à vontade e não forçar nenhuma participação. Quanto às produções, elas poderiam futuramente compor uma exposição escolar.

Após essa primeira produção e compartilhamento de ideias a partir do título do texto, faremos a leitura conjunta do poema em voz alta. Como o poema é um texto que pede releituras, sempre, podemos destinar um tempo para que os alunos releiam o poema, agora numa leitura silenciosa e possam destacar o que mais lhes chama a atenção no texto, além de buscar o significado de algumas palavras que não conheçam.

Após essa leitura individual, podemos abrir uma roda de leitura para compartilhar os nossos trechos preferidos e comentar nossas escolhas. O poema traz repetidamente a palavra “noite”, podemos gerar um debate sobre a representação da noite no texto: o que seria a noite dentro do texto? Podemos aproveitar esse momento para destacar as palavras que acompanham a noite e as ações provocadas por ela no poema. Esse debate já pode gerar uma infinidade de reflexões sociais e nos aproximar mais à característica social da poesia de Drummond.

A matriz de referência para o PAS 3 (2020) destaca, quanto ao poema do Drummond, seu caráter crítico com relação às ditaduras daquele período: “No texto “A noite dissolve os homens, de Carlos Drummond de Andrade, é possível perceber uma crítica contundente às ditaduras fascistas e populistas da primeira metade do século XX”.

É bem possível que os alunos, a partir do debate oral e da construção da imagem da noite já cheguem a uma crítica a um mundo de guerras e governos ditatoriais. O professor, como mediador, poderá iluminar as percepções dos alunos com informações referentes ao contexto de publicação do poema: o que acontecia no Brasil e no mundo nos anos 40? Podemos também, aproveitando a atemporalidade de muitos poemas do Drummond, fazer uma relação à violência expressa no texto com outras que enfrentamos no contexto atual.

Quanto à estrutura formal e o conteúdo do poema, é muito importante visualizarmos a quebra de ideia e a mudança de postura do eu-lírico da primeira para a segunda estrofe. Se na primeira estrofe “a noite anoitece tudo” e o poema nos traz um eu-lírico descrente e impotente frente à desumanização do mundo, a segunda estrofe vem com a esperança na imagem da Aurora e um tom otimista recuperando a humanidade ao eu-lírico.

Enquanto a noite retira a humanidade, a Aurora reconstitui: esse sujeito lírico passa, inclusive, a expressar sensações humanas, vivas: “minha carne estremece”, “o suor é um óleo suave”; “os corpos hirtos adquirem uma fluidez”. É como um despertar para a resistência, uma esperança num futuro em que a noite que dissolve os homens seja substituída por um amanhecer coletivo: “Havemos de amanhecer”.

É importante que os alunos tenham o texto no papel em mãos para que possamos perceber as características formais do texto. Com o papel em mãos, fica muito mais claro perceber as duas estrofes do poema e poder debater o conteúdo e a mudança de tom de uma estrofe para a outra.

Depois dessa leitura mais detalhada e a construção de imagens e temas fornecidos a partir do poema, podemos nos atentar a outros aspectos formais de modo a ampliar nossa percepção do texto.

Para não ficarmos apenas numa apreciação temática, é bom observar que os poemas têm ritmos diferentes, formas peculiares e isso deve ser comentado com os alunos. Mas não com uma teoria pré-fabricada. O texto é que deve suscitar o comentário. Noutras palavras, informações sobre teoria do verso, sonoridade, imagens devem ser mostradas em ação, isto é, deve-se chamar a atenção para o efeito estético que este ou aquele recurso têm no poema que se está estudando. Mas esse não é o objetivo da aula. Os poemas devem ser discutidos, apreciados, aproximados à vida de seus leitores. Realizada essa aproximação, as questões analíticas e teóricas – que muitas vezes são suscitadas nas discussões – poderão ser acionadas para favorecer uma ampliação da percepção. (PINHEIRO, 2018, p. 123)

Em “A noite dissolve os homens” podemos chamar a atenção à métrica do poema: enquanto na primeira estrofe predomina o uso da redondilha maior (versos de 7 sílabas), na segunda estrofe os versos são livres. Essa liberdade dos versos conquistadas na segunda estrofe podem também ampliar nossa construção do poema: que vai se libertando da opressão da noite em direção a uma aurora libertadora. A liberdade acontece na forma e no conteúdo temático.

Após o trabalho minucioso com a leitura e o destaque de alguns aspectos formais que se sobressaem ao texto, voltamos ao título da obra e às produções feitas pelos alunos anteriormente a partir do título: que conexões podemos fazer agora entre as produções de vocês e o poema? Os desenhos conseguiram estabelecer um diálogo com o que nos traz o texto escrito? E, para que possamos refletir e pensar em possibilidades de ações frente a situações de violência como a exposta no texto podemos lançar a seguinte pergunta: Se a noite dissolve os homens, o que os reconstitui?

Para uma próxima aula, após as leituras do poema, podemos organizar as características encontradas no texto e, agora sim, ir relacionando-as ao movimento modernista: a poesia social da geração de 30, o contexto de ditaduras no Brasil e no mundo, o uso dos versos livres e brancos.

O poema também nos dá a possibilidade de trazer um diálogo com as artes. Logo após o título do texto, vemos a dedicatória do poema “A Portinari”, outro artista engajado com os

problemas sociais. Podemos propor um trabalho interdisciplinar com os docentes de artes e aproximar-nos a algumas obras do pintor contemporâneo do poeta.

Após essa aproximação, podemos propor uma atividade de escrita criativa: a escrita de um poema a partir de uma obra de Portinari. O professor pode levar para a sala de aula algumas obras do pintor ou, ainda, pedir para que os alunos pesquisem anteriormente em casa obras de Portinari e que escolham uma obra para a atividade de escrita criativa. É importante que a atividade de escrita seja realizada em sala, pois assim o professor-mediador poderá auxiliá-los na construção dos textos e nas dúvidas quanto às características do gênero.

Podemos, ao final da sequência das aulas, fazer uma exposição voluntária com os desenhos dos alunos realizados no primeiro momento e os poemas escritos ao final da sequência didática.

2.2 Análise de alguns poemas escolhidos - PAS UnB 3ª etapa: “Poemas aos homens do nosso tempo”, de Hilda Hilst.

Nos últimos anos, a obra de Hilda Hilst tem despertado o interesse de muitos leitores e ocupado um espaço de destaque dentro da literatura brasileira. Hilst, tachada muitas vezes como uma escritora de uma linguagem mais “hermética” e que “ficava besta quando lhe entendiam” nos desafia a esmiuçar a linguagem, a explorar as múltiplas possibilidades de interpretação da sua obra.

Em vida, Hilst pareceu sempre buscar essa compreensão e o interesse pela sua obra nos críticos e nos leitores. No entanto, foram nas últimas décadas que a obra e a escritora finalmente encontraram seu espaço e reconhecimento na literatura nacional. A autora foi homenageada na Festa Literária de Paraty, de 2018, e nos últimos anos, sua obra tem sido cada vez mais visitada pelos leitores brasileiros.

A Matriz de Referência do PAS 3 (2020) traz, como um dos textos poéticos, a obra “Poema aos homens do nosso tempo” do celebrado livro “Júbilo, memória, noviciado da paixão”, publicado em 1974. “Poema aos homens do nosso tempo” não se trata de um poema em si, mas de um conjunto de 17 textos que guardam uma relação temática e conexão entre eles.

Outro aspecto curioso e simbólico nesse conjunto de poemas é que muitos deles vão dedicados a nomes que tomaram um posicionamento artístico e político ativo diante dos regimes totalitários em que viveram, como os russos Alexander Solzhenitsyn e Pyotr Yakir, que vivenciaram a violência dos gulags, campos de concentração soviéticos, e o espanhol

Federico García Lorca, poeta da chamada Geração de 27, fuzilado durante a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) a mando dos exércitos nacionalista-fascistas.

Nos seus 17 poemas aos homens do *nosso* tempo, Hilda nos fala sobre a poesia, o trabalho do poeta, a violência dos homens-políticos, a opressão praticada por estes e a repressão sofrida pelo povo de um modo intimista e provocador. Ela parece invocar nesses homens-políticos, cegos pela rapacidade que os move, algo de humanidade, algo que lhes restitua a alma e que lhes faça ver no povo um conjunto ativo e humano e não uma mera “paisagem”, como descreve a autora em um dos poemas.

Para levar a obra de Hilst à sala de aula, seria interessante ir, a cada dia, lendo alguns poemas desse conjunto e ir construindo o seu sentido através das imagens proporcionadas pelo texto. Pensando nessa proposta, vamos sugerir alguns desses poemas para a leitura em sala e uma atividade de produção final após a experiência com os textos.

Vejamos, abaixo, os poemas I e II que, lidos em sequência, é como se fossem uma continuação do anterior.

Poemas aos homens do nosso tempo

I

*homenagem a
Alexander Solzhenitsyn*

Senhoras e senhores, olhai-nos
Repensamos a tarefa de pensar o mundo.
E quando a noite vem
Vem a contrafacção dos nossos rostos
Rosto perigoso, rosto-pensamento
Sobre os vossos atos.

A muitos os poetas lembrariam
Que o homem não é para ser engolido
Por vossas gargantas mentirosas.
E sempre um ou dois dos vossos engolidos
Deixarão suas heranças, suas memórias

A IDEIA, meus senhores

E essa é mais brilhosa
Do que o brilho fugaz de vossas botas.

Cantando amor, os poetas na noite
Repensam a tarefa de pensar o mundo.

E podeis crer que há muito mais vigor
No lirismo aparente
No amante Fazedor da palavra

Do que na mão que esmaga.

A IDÉIA é ambiciosa e santa.
E o amor dos poetas pelos homens
É mais vasto
Do que a voracidade que vos move.
E mais forte há de ser
Quanto mais parco
Aos vossos olhos possa parecer.

II

Amada vida, minha morte demora.
Dizer que coisa ao homem,
Propor que viagem? Reis, ministros
E todos vós, políticos,
Que palavra além de ouro e treva
Fica em vossos ouvidos?
Além de vossa RAPACIDADE
O que sabeis
Da alma dos homens?

Ouro, conquista, lucro, logro

E os nossos ossos

E o sangue das gentes

E a vida dos homens

Entre os vossos dentes.

(*Da poesia*, 2017, p. 286-288)

Na sala de aula, podemos começar a explorar os “poemas aos homens do nosso tempo” com esses dois primeiros textos. Seria interessante perguntar para os alunos, antes da leitura, o que eles esperam encontrar nesse conjunto de textos que leva esse nome de “poema aos homens do nosso tempo”. Quem eles acham que serão esses homens para quem os poemas são escritos? Que tempo será esse? O professor-mediador pode ir anotando as ideias dos alunos no quadro para que, depois da leitura, possamos debater sobre nossas suposições e as primeiras considerações com a leitura do texto.

Podemos fazer a leitura do poema I em voz alta e pedir para que os alunos comentem suas sensações e impressões geradas nesse primeiro encontro (para muitos) com o texto: já podemos começar a construir esse destinatário? E esse eu-lírico, quem é?

Com referência ao poema I, as primeiras palavras são um vocativo: “Senhoras e senhores”. Esse poema fala a alguém e usa pronomes formais pra se dirigir a esse destinatário: senhoras e senhores, vossos atos, vossas gargantas, vossas botas. Esse chamamento indagador e essa linguagem cheia de vossos, provavelmente carregados de ironia e que nos remete ao plenário do Congresso Nacional, se repete ao longo dos “poemas aos homens do nosso tempo”. É muito possível que os alunos comentem essa “formalidade” e certa ironia com esse destinatário. É interessante ir construindo essa imagem do destinatário com os nossos alunos: onde encontramos essa linguagem e esses pronomes? Com quem geralmente usamos essas palavras?

Após esse debate inicial, podemos seguir para a leitura do poema 2. Com estes dois primeiros textos conseguimos ir desenhando melhor essa imagem do homem-político que aparecerá também nos poemas seguintes: quais características podemos observar na construção desse destinatário com essas primeiras leituras? Como é este homem?

É interessante que possamos fazer uma contraposição também entre quem fala e para quem fala? Quem fala é um eu-lírico poeta que se inclui dentro de um coletivo que tem a

ádua tarefa de repensar o mundo, que quer ser lido, escutado, e sabe que o brilho da IDEIA que ele traz é resistente, enquanto o brilho das botas dos senhores ditadores é fugaz. Podemos levar algumas perguntas para os alunos sobre este eu-lírico: quem ele é? Como ele é? O que ele quer? O que ele faz? Como ele se sente?

O eu-lírico nos fala sobre sua árdua tarefa de repensar o mundo em tempos tão difíceis, tão cruéis (Hilda publicou seus poemas em 1974, período de ditadura militar no Brasil). Mas o poeta, amante Fazedor da palavra, insiste em levar uma mensagem de amor aos homens e acredita no impacto e na força da sua IDEIA frente à voracidade desses homens. É interessante que possamos colocar esse eu-lírico e destinatário em destaque: quem são e o que fazem?

Enquanto no poema I, o eu-lírico se mostra esperançoso na sua mensagem, no poema II, ele não encontra “forças” para levar alguma mensagem, “propor alguma viagem” aos homens. A missão do poeta é falar ao homem: mas o que dizer nesses tempos tão desalentadores, de rapacidade, ganância, ouro e trevas? Que tempos são esses? É muito provável que ao perguntarmos aos alunos sobre esse tempo desses homens eles façam uma relação com nosso contexto atual, afinal essa busca por “ouro, conquista, lucro e logro” é facilmente identificada nos homens-políticos dos nossos dias.

Esses dois poemas já nos trazem, também, algumas características linguísticas e imagens criadas por Hilda Hilst que verificaremos em alguns poemas seguintes. A primeira é a composição de palavras criadas pela porta, como no caso de “rosto-pensamento”. Essa característica será observada em poemas posteriores, especialmente compondo imagens “mágicas” como no caso do pássaro-palavra e palavra-livre do poema X, o Homem-Amor do poema XII e os homens-hienas do poema XIV.

A maneira como Hilda Hilst explora a linguagem criando novas palavras e imagens é um grande exemplo de como ver essa língua em experimentação e construção dentro do texto poético. A partir dessas construções podemos refletir sobre o sentido da nossa língua (desde aspectos linguísticos como morfologia e semântica) a reflexões sobre o sentido dessas imagens e dessas palavras criadas no texto para o contexto social da época.

Um primeiro olhar para a instância de concretização da língua em funcionamento — o texto — costuma ser atribuição daquilo que comumente se faz sob o título de leitura, compreensão e interpretação. Nessa aproximação inicial, é importante que os fatores que constroem o texto sejam recuperados. As elaborações linguísticas constituem portas de acesso à interlocução, à construção de conhecimentos, ao mundo, como em Poemas aos homens do nosso tempo, de Hilda Hilst. (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO PAS 3, 2020, p. 5)

A obra de Hilda Hilst nos permite refletir e conhecer mais a fundo a nossa língua portuguesa: além de ampliar o nosso vocabulário, a leitura nos permite ver outras possibilidades de sentido às palavras, seja através da sua característica polissêmica, seja a partir da composição de novas palavras e novos sentidos. É interessante ver essa “investigação” e essa experiência com a língua que a autora faz e que se expressa na voz desse eu-lírico poeta.

Nos poemas de Hilst, as cenas, as descrições, os objetos vão construindo um cenário de violência que pode ser facilmente identificado pelo aluno: é o grito escuro dos homens, é a mordança sobre o povo, é a morte dos homens.

III

*homenagem a
Natalia Gorbanievskaya*

Sobre o vosso jazigo
— Homem político —
Nem compaixão, nem flores.
Apenas o escuro grito
Dos homens.

Sobre os vossos filhos
— Homem político —
A desventura
Do vosso nome.

E enquanto estiverdes
À frente da Pátria
Sobre nós, a mordança.
E sobre as vossas vidas
— Homem político —
Inexoravelmente, nossa morte.
(*Da poesia*, 2017, p. 286-288)

Se, dentro da sala de aula, cada dia nos dedicamos a ir avançando nos poemas de Hilst, conseguimos ir ampliando junto aos alunos nossa compreensão da sua construção poética e o caráter político desse seu conjunto de poemas. Podemos, a cada dia, trabalhar diferentes métodos de leituras: um dia fazer uma leitura coletiva, outro dia deixar que leiam em grupos; num outro dia que leiam individualmente e só depois realizarmos a leitura conjunta. É através da prática regular de leitura de poemas que podemos aproximar nossos alunos da poesia e mostrar que eles podem sim, ler, entender e construir conhecimentos a partir de um poema.

É com a experiência da leitura integral do texto poético que nossos estudantes conseguirão compreender a característica intimista da poeta, o contexto de violência do período histórico da sua obra e construir uma reflexão crítica sobre o mundo e os homens.

As discussões acerca de tipos e gêneros em obras que tratam de abordagens inseridas em contextos sociais diversos potencializam o olhar crítico sobre o mundo e possibilitam a formação de leitores cidadãos, mais empáticos com o outro e suas realidades plurais. Nessa perspectiva, os poemas *A noite dissolve os homens*, de Carlos Drummond de Andrade, *Esses chopes dourados*, de Jorge Wanderley, *Poema aos homens de nosso tempo*, de Hilda Hilst, *Quebranto*, de Cuti (...) expressam a diversidade de contextos sociais que enriquecem nossa literatura. (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO PAS 3, 2020, p. 12-13)

Entre os poemas que aparecem nos “poemas aos homens do nosso tempo”, o poema XIII nos permite um diálogo com nossos modelos de sociedade de consumo e da imagem. É, possivelmente, dentro desse conjunto de poemas, um dos que pode gerar um maior debate e identificação dos alunos com o texto:

XIII

Ávidos de ter, homens e mulheres
Caminham pelas ruas. As amigas sonâmbulas
Invadidas de um novo a mais querer
Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas.
Uma pergunta brusca
Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:
E a entranha?
De ti mesma, de um poder que te foi dado
Alguma coisa mais clara se fez? Ou porque tudo se perdeu
É que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,
Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,
Tua aventura de ser, tão esquecida?
Por que não tentas esse poço de dentro

O incomensurável, um passeio veemente pela vida?

Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada
De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.

(*Da poesia*, 2017, p. 297)

Se lemos o poema com os nossos alunos é muito provável que eles façam conexões com nossa sociedade de consumo e da imagem, onde a aparência muitas vezes se sobrepõe à essência da nossa existência. A partir da leitura do texto podemos gerar um debate e uma reflexão crítica sobre nossos modelos de sociedade e o sentido da nossa existência: quem somos? O que estamos fazendo? O que buscamos?

Após realizar as leituras dos poemas de Hilst com os alunos, é muito provável que eles se identifiquem com essa mensagem crítica, reflexiva e de resistência aos homens do tempo da poeta e à violência exercida por eles. A atualidade dos poemas de Hilst nos leva a reconhecer estes homens no nosso tempo, o que nos aproxima e nos ajuda a construir uma maior identificação com o seu texto.

Como proposta de trabalho e inspirados pela experiência com os poemas de Hilst, podemos pedir que os alunos escrevam agora seus poemas aos homens do *nosso* tempo, os homens do agora. Que mensagem eles têm para levar a estes homens? A produção escrita pode suscitar nos alunos um interesse em conhecer melhor o nosso tempo, e buscar mais informações sobre o nosso contexto, além de claro, investigar também na nossa linguagem modos de construir agora suas próprias imagens poéticas.

Como observado nas experiências trazidas pelos professores entrevistados, a produção a partir da leitura da obra pode propiciar uma maior ‘materialização’ dos alunos sobre o conteúdo estético e temático das leituras realizadas. Sendo assim e pensando também na possibilidade de, a partir do poema, trabalhar outros gêneros e linguagens artísticas, podemos propor aos alunos que escrevam cartas, crônicas ou ainda canções aos homens do nosso tempo. Seria bem legal se, no final das produções, fizéssemos uma espécie de sarau para que os alunos apresentassem suas produções.

2.3 Quebranto, de Cuti

Nossa última proposta didática leva para a sala de aula o poema “Quebranto”, do poeta Luiz Silva, conhecido por seu pseudônimo Cuti. Cuti é um escritor contemporâneo e um dos fundadores da série “Cadernos Negros”, produção literária que dá voz e visibilidade a escritores negros no Brasil. A série, que conta com publicação anual, foi criada em 1978 e continua em circulação até os dias de hoje.

Sua obra é marcada por um resgate à cultura negra brasileira e à história no nosso país, além de um enfrentamento à realidade de discriminação racial no Brasil ainda hoje. Cuti tem obras nos mais diversos gêneros literários: contos, romances, poemas e teatros, além de sua produção crítica.

Quebranto

às vezes sou o policial que me suspeito
me peço documentos
e mesmo de posse deles
me prendo
e me dou porrada

às vezes sou o porteiro
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço

às vezes sou o meu próprio delito
o corpo de jurados
a punição que vem com o veredicto

às vezes sou o amor que me viro o rosto
o quebranto
o encosto
a solidão primitiva
que me envolvo no vazio

às vezes as migalhas do que sonhei e não comi
outras o bem-te-vi com olhos vidrados
trinando tristezas

um dia fui abolição que me lancei de supetão no
espanto
depois um imperador deposto
a república de conchavos no coração
e em seguida uma constituição
que me promulgo a cada instante

também a violência dum impulso
que me ponho do avesso
com acessos de cal e gesso
chego a ser

às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
me sinto a miséria concebida como um eterno
começo

fecho-me o cerco
sendo o gesto que me nego
a pinga que me bebo e me embebedo
o dedo que me aponto
e denuncio
o ponto em que me entrego.

às vezes!...

(*Negroesia*, p. 53-54)

O poema “Quebranto” faz parte do livro “Negroesia”, antologia poética do escritor Cuti publicada em 2007 e nos traz, especialmente, um olhar de como o racismo estrutural no Brasil destrói a autoestima da população negra, fazendo com que muitos se sintam incapazes.

Logo nas primeiras estrofes do poema, vemos um eu-lírico negro que incorpora o próprio papel de opressor. Essa opressão se percebe a partir de atitudes de algumas figuras opressoras: “às vezes sou o policial que me suspeito” ou ainda através de espaços: “não me deixando entrar em mim mesmo a não ser pela porta de serviço.”

O uso da “porta de serviço” nos leva a um lugar de invisibilidade, por onde passam as pessoas marginalizadas, ao contrário da “porta social” que seria o lugar da visibilidade, no caso proibido a esse eu-lírico. Ainda sobre “a porta de serviço” podemos perceber a dificuldade do sujeito de reconhecer e de se afirmar, e o único espaço em que isso seria possível seria através de um lugar invisível e marginalizado.

Em todo o poema, o eu-lírico vai narrando situações de relações raciais que perpassam várias vivências de uma pessoa negra dentro de um ambiente racista: a suspeita do policial, o uso da porta de serviço, o amor que lhe vira o rosto.

Na 6ª estrofe, uma das poucas que não começa por “às vezes”, o eu-lírico faz uma espécie de percurso por uma parte da história do negro no Brasil: da abolição da escravidão no Brasil, para a república e a constituição que o eu-lírico negro deve “promulgar”, “resistir” a cada momento para recordar a sua existência.

Já na 8ª estrofe, o que já íamos construindo com a leitura do poema, fica mais explícito: “as vezes faço questão de não me ver / e entupido com a visão deles / sinto-me a miséria concebida como um eterno começo”, deixando visível como o racismo pode destruir a identidade e a autoestima de uma pessoa negra a partir dessa opressão histórica-social deles, dos brancos.

Na penúltima estrofe do poema, podemos perceber esse isolamento desse eu-lírico negro que se cerca: colocando-se a margem e se fechando nesse espaço de opressão e negação da sua própria identidade: “fecho-me o cerco...”

O último verso do poema, no entanto, muda totalmente a percepção dos versos anteriores: com um único verso, com apenas uma expressão, mas cheio de poder, o eu lírico deixa claro sua resistência e expõe que a sua fragilidade expressada nas estrofes anteriores ocorre “às vezes!...” não sempre.

A pontuação do último verso também tem uma força expressiva no poema: é a primeira vez que os sinais aparecem e assim como a locução temporal eles também reforçam a força impositiva dessa voz que muda o tom e deixa bem claro que esses momentos de

opressão não são a “única realidade”, ainda que existam. O uso da exclamação pode ser lido como uma sentença enfática e decisiva: às vezes! e as reticências nos deixam em aberto mil e outras possibilidades de resistência.

Para a leitura na sala de aula, podemos começar com uma leitura coletiva, em roda. Com os textos impressos, lemos o poema juntos pela primeira vez e depois podemos deixar um tempo para que os alunos releiam o texto juntos e possam ir construindo suas imagens e percepções do poema. Após, podemos pedir aos alunos que destaquem os trechos que mais lhes tenham chamado a atenção.

Possivelmente, os meninos entrarão sozinhos no tema do racismo sofrido pelo eu-lírico do texto, deixamos que eles tragam para o debate esses momentos que aparecem na obra e que possam fazer conexões com outros acontecimentos da nossa sociedade.

A literatura, que reflete a nossa sociedade e nela atua, denuncia e questiona o racismo estrutural como um dos elementos construtores da sociedade brasileira. Por isso, a importância de se valorizar a produção literária de escritoras e escritores negros com a leitura do poema Quebranto, de Cuti, e o conto Maria, de Conceição Evaristo. (Matriz de Referência PAS 3, 2020, p. 9)

Podemos aqui também lançar perguntas aos alunos: por quê a escolha desse título para o poema? O que é quebranto? Caso eles não se animem a responder, podemos levar a definição de quebranto e a partir da imagem fazer essa relação com o texto e a realidade social brasileira.

Alguns aspectos do poema também merecem ser destacados como a repetição: “às vezes” e a pontuação (e a ausência dela). Ainda que o poema não conte com uma vírgula ou alguma pontuação até a última estrofe, sua estrutura nos permite uma leitura fluida. As aliterações também são visíveis na primeira estrofe quando o som de [s] quase nos dá a sensação de um sussurro.

O poema de Cuti, ao mesmo tempo cortante, belo e resistente, nos possibilita refletir e dialogar sobre como o racismo no Brasil foi um projeto construído historicamente de modo a excluir os negros da sociedade, apagando sua cultura, sua identidade, sua visibilidade.

Para entender melhor o racismo estrutural no país, as representações de opressão e o caráter histórico-social do poema, podemos passar em sala o vídeo “Entenda o que é Racismo Estrutural – Canal do Preto” também presente na matriz do PAS e que em 5 minutos consegue nos trazer de maneira muito elucidativa os 500 anos do Brasil (especialmente no que diz respeito aos desdobramentos a partir da abolição da escravidão).

Na obra Entenda o que é Racismo Estrutural - Canal do Preto e no poema Quebranto, de Cuti, a denúncia do ambiente de racismo estrutural construído no

Brasil, relacionado a teorias de embranquecimento e a prática de silenciamento dos afro-brasileiros (o que alimenta a violência diária contra a população negra) dialogam com o conto Maria, de Conceição Evaristo. (Matriz de Referência PAS 3, 2020, p. 24)

O vídeo nos ajuda especialmente a compreender os aspectos históricos presentes no poema e entender como o racismo foi se estruturando na nossa sociedade. Com o poema em mãos e, após ver o vídeo, podemos promover um debate sobre a história de opressão racial no nosso país, desde a escravidão e sua abolição, para compreender o lugar de privilégios que os brancos ocupam na nossa sociedade hoje e o lugar marginalizado da população negra. Conhecer a nossa história e refletir sobre ela é fundamental para que reconheçamos o nosso compromisso social através de práticas antirracistas.

O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes cotidianas. (RIBEIRO, 2019, p. 12-13)

No livro “Pequeno manual antirracista”, a filósofa Djamila Ribeiro destaca que as atitudes racistas se dão em ações cotidianas e entre as práticas antirracistas que podemos (e devemos) adotar a autora aborda a valorização do trabalho e conhecimento produzido por pessoas negras.

A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. (RIBEIRO, 2019, p. 64-65)

Durante nossa educação escolar, a maioria dos livros e materiais que lemos foram escritos por homens brancos. Se as práticas antirracistas se fazem nas atitudes cotidianas, a escola deve ser um lugar essencial para que essas práticas se cumpram. Levar para as aulas de literatura autores como Cuti ou Conceição Evaristo nos traz uma outra visão da nossa sociedade: histórias de uma grande maioria muitas vezes silenciadas. Ademais, para os nossos estudantes negros, poder se ver nesse espaço de criação literária e de conhecimento lhes recupera a autoestima e sua confiança intelectual tantas vezes reduzidas por práticas racistas.

Como propostas de trabalho e produções a partir do poema, do vídeo e dos debates em classe, podemos propor aos alunos apresentações de manifestações culturais brasileiras de origem negra, como o samba, a capoeira, o maracatu. Além de fazer uma pesquisa sobre a origem dessas manifestações, sua história e representantes da atualidade, os alunos também podem compor ao final do trabalho um poema sobre cada uma delas.

Depois de todas as apresentações, seria interessante compartilhar com os alunos um momento para falar sobre as experiências e as aprendizagens, além de trocar sugestões de

artistas e manifestações culturais produzidas por artistas negros: eles com certeza conhecem muitas outras referências que não conhecemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a maioria dos brasileiros, a escola é o lugar que nos propicia decifrar o mundo a partir da nossa língua escrita. Durante o nosso período de alfabetização e os primeiros anos do ensino fundamental nós vamos à escola e lemos: poemas, contos, histórias em quadrinhos. Lemos, desenhamos, escrevemos. Mas a leitura literária, tão essencial nesses primeiros anos, e as atividades artísticas e de escrita, que nos ajudam a ir aprimorando nosso domínio da linguagem, a desenvolver nossa imaginação, criatividade e percepção do mundo, vão ficando cada vez menos urgentes a cada nova série que vai chegando.

Ao chegar no ensino médio, muitos alunos já foram afastados desse universo literário, poético e criativo, e não porque este universo não é possível para eles, mas porque lhes foi privado. A falta de contato com o texto literário e o texto poético na sala de aula faz com que muitos alunos pensem que esses textos não estão ao seu alcance: que eles não podem ler e compreender um poema e menos ainda produzir textos poéticos.

A disciplina de língua portuguesa e a literatura têm uma grande vantagem se comparamos a outras matérias do ensino médio brasileiro, podemos falar sobre praticamente tudo a partir do texto: podemos discutir nossa cultura e nossos problemas sociais, podemos falar sobre nossos anseios e nossas angústias individuais, além de claro aprimorar o nosso domínio escrito e oral da nossa língua nos dando maior segurança para transitar nos mais diversos contextos sociais.

Além dessas características, devemos ressaltar também a natureza humanizadora do texto literário, tão necessária nesses tempos em que somos desumanizados diariamente pelo nosso modelo de sociedade. A partir do texto literário e desse universo ficcional criado na obra, nos identificamos, reconhecemos a nós e aos outros, reconhecemos o nosso mundo. A literatura pode nos despertar sensações e também ações: pode uma empatia gerada pela leitura de um poema se transformar num engajamento social.

As atividades que não possam gerar algum lucro ou possibilidade de atuação profissional são praticamente negadas às populações mais pobres do nosso país e propiciar na sala de aula esse prazer estético e esse conhecimento sensível ao aluno deveria ser uma atividade essencial.

Podemos devolver, ou garantir, aos alunos que chegam no ensino médio esse contato com o texto poético e as diversas possibilidades de conhecimento linguístico, estético e sensível que ele nos propicia. Dentro do ensino médio no DF, as obras do PAS - UnB, podem não só propiciar aos alunos uma experiência de leitura e conhecimento com o texto poético, como também prepará-los para a seleção à universidade de Brasília, garantindo a esses alunos uma continuidade da sua formação acadêmica e uma melhor oportunidade no mercado de trabalho.

A educação tem um papel transformador não só a nível pessoal, como também profissional. Muitos alunos das escolas públicas no DF não têm a oportunidade de trabalhar com estes textos poéticos em outros espaços que não a sala de aula. O professor pode ter uma grande influência nessa transformação individual de muitos estudantes. Trabalhar com as obras do PAS nos permite a construção de conhecimentos estéticos e literários ao mesmo tempo em que aumentamos as possibilidades de ingresso desse aluno na UnB. A educação superior pública, de qualidade e gratuita pode ser, para muitos destes alunos, uma possibilidade de melhorias sociais.

Poder resgatar no ensino médio a leitura junto com os alunos num trabalho comprometido com o texto, com a experiência do nosso estudante, com a construção de conhecimento individual e coletivo a partir da reflexão e da construção de um pensamento crítico sobre si e sobre o mundo a partir do texto, pode contribuir para que esse aluno que chegou no ensino médio desmotivado e descrente da sua capacidade de compreensão leitora, saia dali um leitor consciente, crítico e atuante na sua sociedade.

O contato com a poesia, o debate, o espaço para que os alunos possam falar sobre suas impressões e experiências com as leituras pode contribuir para que os alunos percam a insegurança na hora de ler poemas. Através dessa atividade de leitura cotidiana e de exploração da linguagem poética, os alunos podem ir percebendo que o poema tem sim suas “peculiaridades” e que nos exige uma leitura atenta, mas que são facilmente recompensadas com a experiência sensível e o conhecimento individual e de mundo que podemos construir a partir dessas experiências estéticas.

Sendo assim, as propostas apresentadas neste trabalho propõem, primeiramente esse encontro do estudante do ensino médio com o texto poético e a produção de atividades que possam não só despertar a criatividade desse estudante como ajudá-lo a assimilar o conteúdo linguístico-literário das obras lidas.

Sabemos que, por mais bem intencionada e sequenciada que seja uma proposta didática, nunca sabemos o que, de fato pode acontecer na sala de aula. Por isso a prática

pedagógica exige um trabalho de planejamento, ação e reflexão. Como não conseguimos colocar as propostas em ação devido ao contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, tentamos pensar nas propostas que pudessem propiciar uma relação mais próxima desse aluno com o texto, com esse retorno a si e à sua capacidade criativa e produtora. Esperamos que as atividades propostas possam chegar às salas de aula e possamos, num futuro, ampliar nossas percepções sobre o texto poético na sala de aula e suas possibilidades de trabalho dentro do ensino médio no Distrito Federal.

É nessa crença que o ensino de literatura e a prática da leitura e da escrita literária podem propiciar a esse aluno uma melhor apropriação da nossa língua portuguesa e um conhecimento sensível sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, que defendemos que o texto poético recupere seu espaço nas salas de aula do ensino médio brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+). Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

BRASÍLIA. **Currículo em movimento do Distrito Federal**, 2ª ed. Brasília: SEDF, 2018. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/5_ensino_medio.pdf. Acesso em 27 de fevereiro de 2020.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CINTRA, Carolina. Aprovados no PAS, alunos de áreas carentes falam da emoção de entrar na UnB. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 de jan. de 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2020/01/24/interna-ensinosuperior-2019,822838/aprovados-no-pas-alunos-de-areas-carentes-falam-da-emocao-de-entrar-n.shtml >. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

CORAL, Amélia. **Gêneros literários e ensino: necessidades e desafio**. 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual de Maringá – PR, jun. de 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Nelson Barro da. **Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos parâmetros curriculares de língua portuguesa**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 9-36, jul./dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CUTI. **Negroesia: antologia poética**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

JOUBE, Vincent; REZENDE, Neide Luzia de. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. *Leitura subjetiva e ensino de literatura* [S.l: s.n.], 2013.

Matriz de referência PAS 3. CEBRASPE, 2020. Disponível em: <<https://cdn.cebraspe.org.br/pas/arquivos/Matriz%20de%20Refer%C3%Aancia%20PAS%203%20-%202020.pdf>>. Acesso em: 10 de abr. de 2021.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

Por onde começo a estudar para o PAS-UnB? A importância das obras e algumas estatísticas. Tudo Sobre PAS UnB, 17 de maio de 2016. Disponível em: <<https://tudosobreopasunb.wordpress.com/2016/05/17/por-onde-comeco-a-estudar-para-o-pas-unb-a-importancia-das-obras-e-algumas-estatisticas-2/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das letras, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. São Paulo: Autêntica, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**; tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Seleção de obras para o PaS / UnB 3ª etapa subprograma 2018-2020**. Brasília: CESPE/ UnB. Disponível em: <<https://cdn.cebraspe.org.br/pas/arquivos/SELECAODEOBASPAS32020final.pdf>> . Acesso em: 20 de fev. de 2021.